Meditações: sábado da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar no sábado da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: Jesus manda-nos amar os nossos inimigos; Deus faz chover sobre bons e maus; trazer o campo de batalha para nossa própria vida.

- Jesus manda-nos amar os nossos inimigos.
- Deus faz chover sobre bons e maus.
- Trazer o campo de batalha para nossa própria vida.

«AMAI os vossos inimigos e rezai pelos que vos perseguem» (Mt 5, 44): estas indicações de Cristo contam-se entre as mais surpreendentes da sua pregação. Talvez muitas vezes contrastem com as nossas reações mais imediatas. Apercebemo-nos de que não são palavras que solicitam uma reação superficial, como se nos fosse simplesmente pedido para ceder perante quem nos faz mal; é muito mais do que isso: devemos amar e rezar.

«As palavras de Jesus são claras (...).
Não é um *opcional*, é uma ordem (...).
Ele sabe muito bem que amar os inimigos vai além das nossas possibilidades, mas foi por esta razão que se fez homem: não para nos deixar tal como somos, mas para nos transformar em homens e mulheres capazes de um amor maior, aquele do seu e do nosso Pai (...). Este

mandamento, de responder ao insulto e à ofensa com o amor, gerou no mundo uma nova cultura: a cultura da misericórdia. É a revolução do amor, em que os protagonistas são os mártires de todos os tempos»^[1].

Para o conseguir, poremos toda a nossa esperança na graça. «Quero observar os teus decretos, nunca me abandones» (Sl 119, 8), pedimos com o salmo. Essa ajuda de Deus não só atua na nossa vontade, mas também na inteligência e no coração. «Penso que não tenho inimigos - escrevia S. Josemaria, numa época de perseguições -. Encontrei-me, na minha vida, com pessoas que me fizeram mal, mal positivo. Não penso que sejam inimigos: sou muito pouco para os ter. No entanto, desde agora, eles e elas ficam incluídos na categoria de meus benfeitores, para rezar diariamente por eles ao Senhor»[2].

«QUE RAZÃO tens para não amar? interroga-se S. João Crisóstomo -. Que o outro respondeu aos teus favores com injúrias? Que quis derramar o teu sangue como agradecimento dos teus benefícios? Mas, se amas por Cristo, essas são razões que te hão de levar a amar ainda mais. Porque o que destrói as amizades do mundo, é o que afiança a caridade de Cristo, Como? Primeiro, porque esse ingrato é para ti causa de um prémio maior. Segundo, porque esse precisamente precisa de mais ajuda e de cuidado mais intenso»[3]. Que mundo tão cinzento seria este se todas as pessoas fossem iguais, e se todos fossem para nós igualmente agradáveis. Não é essa a realidade, e Jesus pede-nos que amemos, rezemos e sirvamos a todos. Pensar o contrário traz-nos à mente as palavras de Caim, carregadas de

inveja e de ódio: «Porventura sou o guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9).

Se voltarmos o olhar para Cristo, ressoa na nossa alma o seu amor para com todos os homens: «Que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz nascer o sol sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e pecadores» (Mt 5, 45). «Far-nos-á bem, hoje, pensar num inimigo penso que todos nós temos algum que nos fez mal ou que nos quer fazer mal ou que tenta fazer mal. Rezemos por ele. Peçamos ao Senhor que nos dê a graça de o amar»[4]. Contudo, não é preciso pensar em lugares distantes, em campos de batalha, ou em inimigos poderosos. Talvez tenhamos que lutar na nossa própria casa por compreender, perdoar e não guardar rancor a um irmão, a uma filha ou ao nosso cônjuge. Quantas vezes verificámos como a graça torna possível o que

antes nem sequer tínhamos imaginado.

«OS HOMENS sem remédio são os que deixam de reparar nos seus próprios pecados para se fixarem nos dos outros - escreve Sto. Agostinho -. Não procuram o que é preciso corrigir, mas em que podem morder. E, ao não poderem desculpar-se a si próprios, estão sempre dispostos a acusar os outros»... Empreender a tarefa de amar os inimigos tem como consequência que, ao mesmo tempo, aprendemos a focar-nos na nossa debilidade, nas nossas faltas, em tudo o que na nossa vida deve ainda identificar-se com Cristo. Essa atitude está impregnada de um realismo muito mais prático, porque o que efetivamente podemos mudar, ajudados por Deus, é o que temos no nosso coração. Abandonamos um

campo de batalha fantasista – a vida dos outros – para encher de bem o mundo a partir de uma luta muito mais próxima. Deixamos que Deus mude o curso da história, enquanto nós retificamos o rumo que temos entre mãos.

«Temos que compreender todos, temos que conviver com todos, temos que desculpar todos, temos que perdoar a todos. Não diremos que o injusto é justo, que a ofensa a Deus não é ofensa a Deus, que o mau é bom. Mas, perante o mal, não responderemos com outro mal, mas com a doutrina clara e com a ação boa: afogando o mal em abundância de bem (cf. Rm 12, 21)»[6]. Não se trata de não corrigir, quando as circunstâncias o peçam. Também não se trata de sermos ingénuos, antes pelo contrário: trata-se de adquirir a sabedoria de Deus. O amor maduro, generoso e discreto, é capaz de esquecer as ofensas, não ter

em conta as faltas de apreço, encherse de coragem e imitar Cristo ao pé da cruz: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).

À Virgem Maria, Rainha da paz, podemos pedir que nos ensine a amar a todos os seus filhos e a rezar pelos que talvez nos tenham feito mal, e que nos ajude a trazer o campo de batalha para a nossa própria alma.

- [1] Francisco, Angelus, 24/02/2019.
- [2] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, 28/10/1931, citado em *Camino. Edición crítico–histórica*, p. 933.
- [3] S. João Crisóstomo, *Homilia sobre S. Mateus*, 60, 3.
- [4] Francisco, Homilia, 19/06/2018.

[5] Sto.	Agostinho,	Sermão	19.
----------	------------	--------	-----

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-sabado-da-i-semana-da-quaresma/ (02/11/2025)